

CURRÍCULO DE GEOGRAFIA ESCOLAR: APORTES DA CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo¹
Sidelmar Alves da Silva Kunz²

RESUMO

Neste trabalho apresentamos a construção do saber geográfico tendo como prerrogativa as orientações didático-pedagógicas da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Por meio dos princípios norteadores do raciocínio geográfico, é possível construirmos caminhos para uma base conceitual e categorial do pensamento geográfico em sua ponte com a Geografia Escolar, dialogando com o aperfeiçoamento e aprofundamento da base epistemológica da Geografia para a prática cotidiana em sala de aula e construção de novas possibilidades curriculares, fortalecidas pelo resgate do escopo teórico e metodológico da Geografia. A pesquisa foi realizada com base em uma revisão bibliográfica e consulta e análise documental, com vistas a atender o objetivo principal de apresentar o fortalecimento e presença da epistemologia do saber geográfico nas novas propostas curriculares com base na BNCC. Como resultado da pesquisa realizada temos a apresentação de alternativas e possibilidades, por meio dos marcos legais da BNCC, de oferecer aos professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar e processo de ensino e aprendizagem, alternativas para a construção de um currículo de Geografia condizente com as novas orientações nacionais e interligado aos fundamentos teóricos e epistemológicos da ciência geográfica.

Palavras-chave: Construção Curricular, Geografia Escolar, Epistemologia da Geografia, Raciocínio Geográfico.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é abordar as conexões entre os conceitos e pensamentos das diferentes geografias com os saberes e conteúdos presentes e exigidos na Geografia escolar. Desta maneira, perfilam-se diferentes capacidades a serem obtidas, desenvolvidas e aperfeiçoadas, para que o ensinar a Geografia se concretize com êxito. Correntes pedagógicas, paradigmas de pensamento, correlações categoriais e conceituais, identificação de movimentações, paralelismos, afastamentos e aproximações discursivos fazem parte deste caminho de aprendizagem a ser trilhado na busca do aprimoramento do ensinar Geografia.

Dentre estas habilidades e instrumental teórico metodológico do ensino e aprendizagem da ciência geográfica podemos destacar a capacidade de conhecer e reconhecer as diferentes correntes e ideologias geográficas e como suas visões a respeito desta ciência foram transpostas para o ensino da Geografia.

¹Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - SP, gcca99@gmail.com

²Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília - DF, sidel.gea@gmail.com

Nessa proposta também será possível enriquecer a formação dos docentes no sentido de obter maiores conhecimentos teóricos, metodológicos e epistemológicos a respeito de sua área de formação, e como repassar tais conhecimentos aos desafios do ensino e aprendizagem escolares. E, este movimento de retomada e resgate dos embasamentos formativos dos procedimentos de ensino e aprendizagem são fundamentais neste artigo.

METODOLOGIA

Conseguiremos chegar a uma compreensão melhor fundada da Geografia escolar ao elencar e compreender os meandros historiográficos, alguns dos principais suportes e fundamentos epistemológicos e as conexões destas fundamentações com as tendências pedagógicas vigentes e pretéritas. Esta observação e organização sintética do pensamento geográfico é o que apresentamos neste trabalho, para assim chegarmos à discussão sobre o ensino, a aprendizagem e as propostas curriculares para a Geografia.

As ciências possuem seus desdobramentos discursivos, de pensamento e desenvolvimento de seus referenciais teóricos e metodológicos que convergem e afetam, inevitavelmente, na construção para suas propostas curriculares ao ambiente escolar. (LUCKESI, 2011; LIBÂNEO, 2013; SACRISTÁN). Com a Geografia não seria diferente, e é de fundamental importância que os profissionais da educação que atuam com a formação geográfica, básica ou superior, apropriem-se deste escopo epistemológico, de maneira que o mesmo sirva como aporte instrumental e de reflexão em sua prática docente.

A base conceitual e categorial da Geografia permite que o acadêmico desta área do conhecimento construa uma sólida fundamentação de sua ciência. Ter conhecimento da diversidade de conceitos, dos princípios lógicos, dos encontros e desencontros da historiografia científica e filosófica que permeiam a ciência geográfica vem ao encontro desta retomada do aperfeiçoamento formativo tão caro aos profissionais da educação.

Este trabalho, portanto, possui uma metodologia e proposta que se intercalam e dialogam entre si. Como principal método para a pesquisa realizada está a consulta documentação acompanhada de uma revisão bibliográfica sobre a temática envolvendo a Geografia Escolar, a construção de uma proposta de currículo da Geografia com base na BNCC e de como a apropriação epistemológica por parte dos professores agrega e fortalece o processo de construção desta nova proposta de currículo para a Geografia.

Somente a partir do momento em que estes alicerces conceituais e históricos estiverem bem dispostos é que poderemos refletir sobre uma epistemologia do ensino geográfico ou da

Geografia escolar. Nesse sentido, estamos voltados e atentos para o panorama pretérito e contemporâneo da ciência geográfica. Isso é sumário para o diálogo constante e necessário também com a formação didático pedagógica, formando uma rede de conexões, composições e justaposições essenciais para o entendimento da formação discente e docente em Geografia.

O SABER GEOGRÁFICO: CATEGORIAS, CONCEITOS E TEMAS DA GEOGRAFIA

A Geografia, assim como outras ciências, possui um escopo epistemológico, a partir do qual seu discurso, método, metodologias, práticas e correntes de pensamento se desmembram em múltiplas aplicações de conceitos, em análises ou sínteses da natureza e sociedade.

Esta aparente dualidade de áreas do pensamento geográfico o acompanha, complemente e coloca em o constante debate, especialmente quando pensamos nas grandes especializações que a Geografia vem passando nas últimas décadas, favorecendo muito mais uma cisão e afastamento que o uma aproximação e diálogo entre as denominadas Geografias Física e Humana.

No entanto, independente do curso de desenvolvimento teórico trilhado pelas múltiplas geografias que conhecemos, uma coisa permanece: a presença da premissa categorial da espacialidade. Temos, então, o espaço como categoria primeira e basilar do pensamento geográfico e, a partir desta, o desmembramento conceitual tão caro à Geografia por meio do lugar, território, paisagem e região. Vejamos, a seguir, um breve aprofundamento a respeito de cada um destes conceitos advindos da categoria espaço, fundamento epistemológico primário da Geografia.

Pontua-se que a categoria diz respeito à agregação de sentidos múltiplos que um objeto ou fenômeno podem receber, seja em sua concretude ou abstração. Uma categoria, desta forma, reverte em si a complexidade de diversas possibilidades de desdobramento e aplicações de pensamento e método. Os conceitos são desmembramentos categoriais, assim como os princípios lógicos. Toda ciência possui tanto categorias primárias como miríades de princípios e conceitos que compõem o seu escopo epistemológico. E, tanto a categoria como os conceitos e princípios possuem diferentes modulações espaciais e temporais, pois representam os contextos de suas concepções e usos, refletindo a sociedade e os discursos científicos em que estão inseridos.

Podemos organizar a epistemologia do pensamento geográfico com base em uma categoria primária e fundamental, que é o espaço, e seus conceitos-chave, desmembrados desta referência categorial, que são o território, o lugar, a paisagem e a região. Vejamos, separadamente, as principais características de cada uma destes referenciais epistemológicos, e metodológicos, do pensamento geográfico (CALLAI, 1995; CASTELLAR, 2005; PONTUSCKHA et al., 2007).

Espaço: O espaço pode ser considerado a categoria maior do pensamento geográfico. Por agregar em si todos os demais conceitos e princípios da Geografia o espaço assume um protagonismo teórico ímpar. Quando pensamos em quaisquer referenciais geográficos sempre haverá, de forma inerente, a presença da espacialidade, já que há uma ligação direta da ciência geográfica com seu objeto de estudo, que é o espaço, seja na elaboração de metodologias de análises ou na composição de discursos epistemológicos em diferentes correntes de pensamento, ideologias de escolas geográficas e nas matrizes paradigmáticas presentes no processo de desenvolvimento da própria Geografia. O espaço, portanto, seja aquele mais próximo dos aspectos naturais e físicos ou mais ligado as características culturais e históricas, contém e fundamenta todo o escopo teórico e metodológico do pensamento geográfico.

Território: Este conceito está ligado a dois pontos ora distintos ora complementares. De um lado há as relações de poder que podem ser encontradas e estudadas no espaço geográfico. O controle, domínio, disputas, encontros e choques dos interesses e poderes na espacialidade definem o território, em estabelecimento de fronteiras, expansão ou retração de limites espaciais, estabelecimento de referenciais de apoderamento ao local em que se vive, em detrimento de outro grupo que ali também pode viver, etc. O outro aspecto ligado ao conceito-chave geográfico território é sua proximidade com a ideia de lugar, quando a identidade e o sentido do habitar faz parte da totalidade da presença humana numa determinada espacialidade, sendo utilizado, inclusive, a denominação de “territorialidade” para esta característica identitária comum, por exemplo, em histórias de formação territorial de diferentes povos e nações.

Lugar: O conceito-chave mais ligado à questão da identidade, sendo muito explorado na corrente geográfica de pensamento conhecida como Geografia Cultural ou Humanista. Além desta relação com o a significação do espaço o lugar obteve importante protagonismo conceitual na vertente mais crítica do pensamento geográfico contemporâneo, pelo fato de poder ser utilizado como pêndulo escalar ao movimento de globalização e os fluxos produtivos do mercado mundial. O local e global, desta forma, recebeu, e ainda recebe, atenção em tais linhas de estudos geográficos, assim como a questão do lugar mais próximo

da ligação afetiva e simbólica com o espaço, também com grande perenidade científica em discursos, teorias e metodologias geográficas.

Paisagem: este conceito-chave da Geografia possui sua importância para esta ciência desde o surgimento da mesma. Sua ideação aproxima-se de um recorte imagético do meio, compondo-o em seus diferentes elementos, em sobreposição, justaposição ou mesclagem, originando as diversas paisagens que conhecemos. Antes de se configurar como um campo científico estabelecido era a paisagem que congregava os estudos geográficos, normalmente aproximando mais de uma abordagem mais descritiva e não analítica, elencando os elementos tanto naturais como sociais do espaço. Durante a passagem das décadas, a partir do início do século XX, a paisagem recebeu maior protagonismo, inicialmente no possibilismo francês e, posteriormente, ganhando notoriedade na Geografia Cultural, em novas interpretações e aplicações deste conceito em diferentes morfologias da paisagem.

Região: A região, assim como os demais conceitos-chave da Geografia, perpassou por diferentes correntes geográficas de pensamento. De modo geral a região é o conceito que podemos estabelecer limites epistemológicos mais claros, já que sua complexidade se dá pela diferenciação entre a região e regionalização. Desta forma, a região é já o recorte espacial estabelecido, de acordo com algum critério específico, elegido como tal a partir do interesse econômico, político, científico, cultural a que se deseja dividir determinada porção do espaço. Do outro lado há a regionalização, que é, sempre, um processo, um movimento contínuo de busca pela melhor divisão do espaço para se chegar a uma integração mais aprimorada da sua diversidade como ocorre, por exemplo, nas diferentes propostas regionais de países, estados e cidades, que precisam passar constantemente por atualizações.

Percebe-se que há grandes diferenciações entre os conceitos-chave do pensamento geográfico e de como o espaço, como categoria mestra da Geografia perpassa todos os eles, assim como nos princípios do raciocínio geográfico. Os princípios e postulados geográficos também podem ser localizados nestes referenciais teóricos como a circulação, os fluxos, os objetos espaciais, a dinâmica de produção e uso de recursos, dentre outros.

A partir da apropriação deste instrumental teórico o professor agrega valor pedagógico à sua prática docente, ao mesmo tempo em que coloca-se em desafio de levar toda esta riqueza e espessura conceitual para o ambiente escolar. A Geografia escolar precisa se pautar no referencial base de sua ciência de origem, um caminho a ser trilhado pelos profissionais da educação geográfica.

Em concordância e concomitância com esta exigência da apropriação epistemológica por parte dos professores é que a BNCC de Geografia elenca alguns princípios do raciocínio

geográfico, todos relacionados tanto com a espacialidade categorial como seus desdobramentos conceituais, ressaltando ainda mais o papel de preencher a prática pedagógica cotidiana com o fundamento teórico da ciência geográfica, conforme podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1: Princípios do Raciocínio Geográfico

Princípio	Descrição
Analogia	Um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
Conexão	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
Diferenciação	É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas.
Distribuição	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço.
Extensão	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico.
Localização	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
Ordem	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018, p. 358).

Cada um destes princípios apresentados no Quadro 1 dialoga entre si e com a espacialidade categorial do pensamento geográfico além, é claro, de trazerem consigo

diferentes possibilidades de análise e síntese dos conceitos e temas da Geografia. Princípios como extensão e circulação, por exemplo, são facilmente passíveis de uso em campos da Geografia em relação com economia ou ocupação do espaço, de modo a correlacionar o movimento de mercadorias e pessoas no território.

Aplicados à realidade escolar, permitem que o estudante adquira um instrumental de compreensão das transformações naturais e sociais da realidade que o cerca: “Alguns princípios precisam ser discutidos se quisermos que o professor se constitua em pesquisador: domínio do conhecimento geográfico a ser ensinado e dos caminhos teórico-metodológicos existentes para trabalhar sua disciplina e a necessidade da colaboração das diferentes disciplinas para a compreensão da complexidade do mundo.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 26).

Ressaltamos a importância da apropriação epistemológica pelos professores do Ensino Básico: A formação de professores deve se pautar na apropriação das bases históricas, teóricas e metodológicas de sua ciência formativa (LUCKESI, 2011; LIBÂNEO, 2013). Esta é uma condição *mister* para que tenhamos cada vez mais clareza na hora de propor currículos e pensar sobre a didática, o ensino e as aprendizagens das diferentes ciências e saberes.

A Geografia possui grande fragmentação das explicações do seu objeto de estudo, ao mesmo tempo que traz consigo a riqueza de múltiplas possibilidades de representação do saber geográfico:

No afã de descrever os lugares a Geografia na sala de aula é uma geografia que fragmenta a realidade, privilegia o natural em detrimento do humano e apresenta o espaço como algo produzido por forças naturais, sem incorporar o homem (a sociedade), o aluno como um ser que tem história, que tem uma trajetória de vida (desde a sua família), e que constrói neste processo um (o seu espaço). (CALLAI, 1995 p. 43)

Os saberes e conhecimentos da academia precisam chegar às salas de aula. Esta “tradução” será feita pelos professores das diferentes áreas. No caso da Geografia o instrumental teórico do professor se coloca como ponto fundamental para realização deste processo: “O conhecimento produzido na universidade, fundamentado em pesquisas de campo de laboratório e de bibliografia e dominado pelo professor, deve constituir instrumental teórico a ser elaborado, recriado, para transformar-se em saber escolar, ou seja, em saber a ser ensinado.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 26-27).

RESULTADOS

Ao professor de Geografia, tanto em nível básico como superior, cabe ter com clareza as aproximações e distanciamentos das definições deste referencial teórico da Geografia. Princípios, categorias, conceitos, temas, conteúdos, fatos e fenômenos, conteúdos, habilidades e competências curriculares, todos entremeados pela sociedade e a natureza; todos estes pilares do pensamento geográfico possuem sua rota de chegada à sala de aula e à formação do professor de Geografia.

Com base nos resultados, sinaliza-se que a proposta de criação de uma BNCC se apresenta como uma iniciativa instituída em um momento importante para o debate acerca da qualidade educacional em nosso país. É uma reflexão que tem repercussão com a ideia de educação que pretendemos deixar para as próximas gerações. Faz sentido pensar que essa proposta se insere em um contexto de conflitos e interesses estratégicos diferentes que envolvem o ensino de geografia e as políticas relacionadas à educação pública e seus desafios, que não só práticos, mas teóricos também.

Essa realidade exige uma articulação em diferentes escalas espaço-temporais. Nesse sentido, a fortuna crítica da geografia precisa estar atenta para os desvios de propósito em relação a uma educação de qualidade e de um projeto progressista de sociedade ao ponto de instaurar ou ratificar lógicas centralizadoras. É necessário garantir a participação ampla e construção de significados com os distintos sujeitos envolvidos no processo educacional.

Não é interessante a promoção da separação entre os que fazem os currículos e os que o executam. Dado que o currículo deve ser visto de modo amplo e múltiplo de modo a contemplar os distintos matizes. As informações conduzem para o reconhecimento do potencial dos estudantes e para dar vozes a esse público. Isso pode ser uma relevante alternativa para o ensino de geografia em conexão com os novos tempos. Assim, temos que oportunizar aos alunos para que consigam agir de modo a se auto-organizarem e desenvolvam a sua autonomia como seres históricos e geográficos no mundo.

Foram encontrados tanto um diálogo e referencial paralelo como a possibilidade de cruzamento entre as bases teórico-epistemológicas da BNCC para a Geografia com a construção das novas propostas curriculares. E, tendo em vista que a BNCC e seus referenciais devem considerar o contexto da educação nacional, bem como as mazelas e precariedades dos sistemas educacionais. As reflexões críticas precisam ter como escopo trabalhar para romper ou inibir as desigualdades da sociedade brasileira com todos os seus

nuances geográficos que levam a uma materialização da injustiça por meio, também, da educação desigual.

Portanto, passo inicial a ser dado é o da apropriação teórica e metodológica por parte dos professores de Geografia. Após esta consciência epistemológica de seu labor didático e pedagógico haverá diversas maneiras de se buscar formas para que o conhecimento que representa, o geográfico, ser apresentado aos seus alunos, este é o desafio posto na chegada da ciência ao ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CALLAI, Helena Copetti. **Geografia: um certo espaço, uma certa aprendizagem**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1995.

CASTELLAR, Sonia. Educação Geográfica: A psicogenética e o conhecimento escolar. **Cad. Cedes**, Campinas vol. 25 n.66 pg. 209-225 maio/agosto 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

PONTUSCKHA, NidiaNacib.; PAGANELLI, Tomokolyda; CACETE, NúriaHanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

SACRISTÁN, Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre, 2000.